

1. Recomeçar a partir do coração da nossa vocação

A última Sexta-feira Santa, estava em Cortona para celebrar o Tríduo com as nossas monjas e fui confessar-me no santuário de Santa Margarida. Falava ao padre sobre minhas dificuldades e fadigas no ministério, e como muitas vezes o cansaço e desconforto me fazem viver a vocação como algo sem cor e triste. O padre me perguntou: "Mas qual é o centro do seu carisma? Fala-se de '*Ora et labora*', rezar o Ofício, trabalhar, viver em comunidade, etc.; mas o que é realmente central e essencial na sua vocação?". Respondi-lhe que para São Bento o principal é "não preferir absolutamente nada a Cristo" (RB 72,11). E respondeu-me: "Coloque novamente isto no centro, e tudo mais se reorganizará, encontrará o seu lugar. Descanse nesta preferência, como quando Jesus dizia aos discípulos: 'Vinde à parte e descansai um pouco, somente comigo'."

Era um belíssimo dia em meados de abril, no esplendor da cidadezinha medieval da Toscana. Voltava de uma longa e cansativa viagem ao Brasil e Bolívia. Passei do calor torrencial da Bahia brasileira ao frio e mal-estar dos 4000 metros de La Paz. Nas comunidades encontradas, além de belas experiências de união e fraternidade, também muitas tristezas e dificuldades no viver a nossa vocação. Por isso, o chamado a descansar, descansar em Cristo, no coração da minha e nossa vocação, que dizia o confessor, o sentia como uma resposta a uma necessidade profunda e perspicaz, não somente minha, mas das pessoas e comunidades as quais visitei e continuava a pensar, perguntando-me como ajuda-las, como ajudar-nos.

Creio seja importante também nós, reencontrando-nos para este mês de formação monástica, esclarecer o que é mais urgente na situação atual da vida monástica, assim como a vivemos ou não vivemos, em nossas comunidades, em nossas Ordens ou Congregações.

Durante este ano, não pude nunca esquecer o nosso jovem Davi que apenas cinco semanas após o Curso nos deixou tão tragicamente, não só da vida monástica, mas da vida terrena. Não podemos deixar de nos questionar por este fato doloroso. O que nos pede como responsabilidade, não tanto para com ele pois está nas mãos e no coração de Deus, mas para conosco, com nossa vida e vocação. Nosso irmão nos deixou um desafio que gostaria de formular nesta pergunta: Que sentido dá a vocação monástica à vida humana? Que sentido dá a vida humana à vida monástica?

Compreendi mais que nunca este ano, também diante de outros fatos ou escolhas dramáticas, quase inacreditáveis, isto sem pensar na situação da sociedade, onde a urgência principal consiste em ajudar-se a viver a vida consagrada, aquela que inicia com o batismo e somente deve permitir ao batismo de transformar-se em vida, com um respiro que dê sentido à vida humana, a nossa e a dos outros. Quando vejo viver a vida monástica e especialmente a formação a esta, sem dar um senso à própria humanidade, para mim é cometer uma grande traição a Cristo e ao homem, uma grande traição ao Cristo Redentor do homem, uma traição da Redenção como vida nova, renovada, cheia de significado aqui e agora e para a eternidade. E cometemos uma traição contra o nosso carisma, São Bento e do espírito de sua Regra que, fundamentalmente, nos foi dada para viver a unidade entre a vida e a vocação, entre o senso da vida e o senso da vocação. À esta unidade Jesus veio chamar-nos, com a boa

notícia do Evangelho, e nos chama à esta chamando-nos à Ele, para segui-lo, estar com Ele, para aderir à Ele ao ponto de ser um com Ele e o Pai, no Espírito Santo. O batismo realiza este mistério. Mas nossa liberdade é chamada a vive-lo, a deixar penetrar esta imensa graça na vida, em nossa humanidade. A vocação monástica nos foi dada para realizar a vocação batismal de cada cristão e, assim, tornar-se testemunhas vivas que Jesus Cristo dá o seu pleno sentido à vida humana.

É como se tudo nos chamasse a reencontrar sempre o sentido da nossa vocação, onde a nossa vocação dá sentido à vida, adere ao sentido da vida, e permite vivê-la com plenitude. Uma vocação, qualquer vocação, é bem vivida quando através desta, a nossa vida humana alcança o sentido pela qual nos foi dada. Uma vocação perde o sentido se for separada do sentido da vida, de toda a nossa vida. Se o sentido pelo qual vivo não é o mesmo sentido pelo qual sigo uma vocação, e, vice versa, significa que algo está errado, que existe um espaço de inverdade que, cedo ou tarde impedirá a Cristo, que nos chama, de realizar a unidade de nossa vida, de ser o sentido pleno de nossa vida, e, portanto, a sua plenitude.

Na circunstância da confissão em Cortona, percebi talvez nunca ter entendido que o nosso verdadeiro descanso condiz com o recolocar ao centro da nossa vida, o coração da nossa vocação. Certamente experimentei muitas vezes e sempre experimento, mas talvez nunca formulei com esta clareza. O que descansa não é sair do centro da vocação, mas lançar-se nesta, recoloca-se naquele centro. O verdadeiro repouso é um re-pousar, um pousar de novo, um voltar ao coração do encontro com Cristo, que nos chama a segui-lo em Sua missão.

Veio à minha mente quando Jesus chamou à parte os seus, para descansar um pouco, permanecendo sozinhos com Ele, e depois encontram desembarcando, que uma grande multidão os precederam a pé (cf. Mc 6,30-34).

Descanso arruinado? Férias falidas?

Se os apóstolos tivessem confessados, como eu, com aquele padre, também deveriam se questionar qual seria o centro mais profundo de sua vocação. E talvez teriam respondido: O centro é o início, quando Jesus olhou-nos e disse: "Sigam-me, vos farei pescadores de homens" (Mt 4,19). Portanto, o centro não era tanto: "Vinde à parte e descansai um pouco", mas o chamado a seguir Cristo na paixão de salvar todos os homens. E se este era o centro vocacional, então existia também o repouso. Jesus não os tinha enganado quando chamou para descansar com Ele à parte, embora certamente já soubesse que neste à parte com Ele, os apóstolos teriam encontrado a multidão para evangelizar, assistir e amar. Por que, todavia, quem teve que trabalhar foi o próprio Jesus, não os discípulos. Deveriam somente estar lá, a olha-lo enquanto falava à multidão, a ouvir o que dizia, deixar-lhe viver a Sua vocação, sem incomodá-lo com suas necessidades de descanso, sem cansá-lo com a contínua tentação de distraí-lo de Sua missão, e ditá-la como a deveria realizar. Por que sempre a tentação dos discípulos, incluindo nós, é querer seguir Cristo ditando-lhe onde deve ir, o que deve fazer e dizer, ou melhor, não fazer e não dizer.

No fundo, gostaria que os capítulos deste ano nos ajudassem a ir um pouco à parte com Jesus, para re-pousar novamente e mais profundamente onde a nossa vocação enche nossas vidas de sentido e, portanto, de verdade, beleza e paz.